

14º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design: Abordagens de design para uma educação orientada ao século XXI: um estudo do projeto Chama Violeta

14th Brazilian Congress on Design Research: Design approaches for the 21st century-oriented education: a case study of the project Chama Violeta

BARBOSA, Carolina Tomaz; mestrandia; Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
Carolinatomazbarbosa@gmail.com

COMPARIN, Jaqueline Freitas; mestrandia; Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
jaquecomparin@gmail.com

FREIRE, Karine de Mello; doutora; Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
kmfreire@unisinos.br

Resumo: Muito se discute acerca de uma educação inovadora orientada ao século XXI. Acreditamos que a intersecção entre design e educação possa ser um caminho potente para o desenvolvimento de habilidades essenciais nas crianças, para sua formação como cidadãos criativos, autônomos, colaborativos e com senso crítico. Diante disso, apresentamos a aplicação prática de uma metodologia de design, o Design for Change? (DFC), em um projeto de educação sexual realizado em uma escola localizada na cidade de Porto Alegre/RS. Realizamos a coleta de dados secundários e uma entrevista com a educadora responsável pelo projeto, buscando compreender as oportunidades que o DFC oferece às crianças para que elas desenvolvam habilidades relacionadas às competências desejáveis para uma educação direcionada ao século XXI. Assim, o objetivo deste estudo é identificar, por meio de um estudo de caso, as potencialidades do design enquanto abordagem voltada à educação deste século.

Palavras-chave: Design; Educação; Competências do Século XXI

Abstract: *Much is discussed among the society about an innovative education 21st century oriented. We believe that the intersection between design and education can be a powerful path for the development of essential skills in children, for their formation as creative, autonomous, collaborative, and critical citizens. Therefore, we present the practical application of a design methodology - Design for Chance or Change? (DFC) - in a sexual education project carried out in a school located at Porto Alegre (RS) city. We carried out a secondary data gathering and an interview with the educator responsible for the project, seeking to understand the opportunities that the DFC offers to children so that they develop skills related to desirable competencies for a 21st century education. The objective of this study is to identify, through a case study, the potential of design as an approach aimed at education in this century.*

Keywords: *Design; Education; 21st Century Skills*

1 INTRODUÇÃO

A educação do século XXI é um tema que vem sendo discutido recorrentemente nas últimas décadas. Nessas discussões, é quase consenso que o modelo pedagógico tradicional aplicado em salas de aula já não sustenta a forma de aprendizagem direcionado às crianças e as necessidades do mundo atual. A UNESCO defende que a educação do século XXI deve abraçar quatro pilares: Aprender a Conhecer, Aprender a Fazer, Aprender a Conviver e Aprender a Ser (UNESCO, 2010). Para trabalhar esses pilares em sala de aula, novas metodologias devem ser experimentadas. Formas de ensinar que vão além de uma pedagogia conteudista, mas que aproximem os alunos de suas realidades e estimule a criatividade, o senso crítico, e a autonomia. Neste sentido, o design pode ser uma metodologia que permite desenvolver e trabalhar essas habilidades. Assim, o objetivo deste estudo é identificar, por meio de um estudo de caso, as potencialidades do design enquanto abordagem orientada à educação para o século XXI.

Para isso, a proposta desse artigo é apresentar uma metodologia de design que vem sendo aplicada em salas de aulas, de diversas escolas do mundo, e que tem apresentado resultados animadores no processo de desenvolvimento das crianças e adolescentes. A metodologia, idealizada pela designer indiana Kiran Bir

Sethi, é o Design for Change (DFC), que foi inspirada no Design Thinking. Assim, a proposta do artigo é mostrar como a educação e o design podem caminhar juntos na proposta de uma educação para o século XXI, apresentando a metodologia do Design for Change e sua aplicabilidade no contexto educacional. Para isso, será apresentado um estudo de caso do Brasil, o projeto Chama Violeta, que foi projeto desenvolvido em uma escola pública de ensino fundamental de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Caminhos para uma educação orientada ao século XXI

Quando se pensa em educação e inovação, o primeiro pensamento que nos ocorre é o uso de tecnologias digitais. De fato, os aplicativos, jogos virtuais, TICs (tecnologia da informação e comunicação) têm ocupado grandes espaços no debate de uma educação inovadora. Não há dúvidas de que essas tecnologias contribuem no campo da educação, principalmente na oportunidade de expandir o conhecimento para além dos muros das escolas (SOUZA et al., 2018). Porém, é preciso ir além do uso de ferramentas tecnológicas, e incluir também as habilidades socioemocionais necessárias para a formação de um cidadão saudável, criativo, autônomo e colaborativo.

Segundo a UNESCO, a educação do século XXI deve estar ancorada em quatro pilares: Aprender a Conhecer, Aprender a Fazer, Aprender a Conviver e Aprender a Ser (UNESCO, 2010). Esses pilares devem servir como a bússola que oriente os educadores a desenvolverem processos de aprendizagem, estimulando os alunos a entenderem o ambiente em que vivem, incentivar suas curiosidades, provocar a conquista de suas autonomias, além de usar o senso crítico para entender a realidade da qual estão inseridos (RODRIGUES, 2021).

Nesse contexto, muitos pesquisadores defendem que o foco do ensino nas escolas deve mudar de um conhecimento disciplinar para interdisciplinar, centrado no problema e não na transmissão de conhecimentos de uma disciplina. Ou seja, o conhecimento deixa de ser informação e compilação de dados para se tornar o principal ativo para o exercício da cidadania (MARTINS FILHO; GERGES; FIALHO, 2015).

2.2 Metodologias de design e as possibilidades para a educação

Atualmente, muito se fala sobre “educação inovadora” ou “design thinking na educação”. Mas, quando falamos sobre uma educação que busca promover a inovação, precisamos pensar no contexto da criação do conhecimento que pretendemos promover (SOUZA et al., 2018). Considerando os quatro pilares da educação para o século XXI, os espaços de aprendizagem precisam ser ambientes onde a colaboração, o diálogo, a experimentação, a criação e a reflexão se façam presentes. Isso posto, o design aparece como uma abordagem para trabalhar essas características. Ademais, o design, apresenta metodologias que permitem abraçar questões éticas, estéticas, políticas e técnicas ligadas à nossa interação com o mundo construído e com o mundo natural. Nesta direção é que o design tem a potencialidade de afetar o fazer da sala de aula e contribuir para um processo educativo que faça sentido para as crianças.

O design, enquanto abordagem possível de se trabalhar em sala de aula, traz consigo um caráter inventivo e criativo às atividades pedagógicas. Além disso, o design ajuda os alunos a desenvolverem a capacidade de resolução de problemas ligados às suas realidades, fomentando um modo de pensamento construtivo, o que favorece o desenvolvimento cognitivo desde cedo nas crianças (SOUZA et al., 2018). Partindo dessa premissa, elencamos - para o contexto deste estudo - uma metodologia de design chamada Design for Change (DFC), idealizada pela designer indiana Kiran Bir Sethi, em 2009. O DFC foi criado a partir da perspectiva de Design Thinking (DT) desenvolvida por Tim Brown (2008), que contempla três etapas estruturantes: inspiração/imersão, ideação e prototipação/implementação. Assim, tendo o DT como inspiração, Kiran criou o DFC - que começou na Índia e hoje está presente em 66 países.

Kiran, estava incomodada com a proposta pedagógica da escola em que seu filho estudava. A partir deste incômodo, resolveu, em 2001, criar um centro de ensino, a Riverside School. Neste centro educacional, a proposta era que as crianças fossem protagonistas do seu processo de aprendizagem e utilizassem os conhecimentos adquiridos para mudar a realidade à sua volta. A metodologia deu certo, e em 2009 virou o movimento Design for Change. Um movimento cujo objetivo era espalhar por diferentes escolas do mundo essa metodologia como ferramenta de

educação, que além de simples se mostrou inovadora e potente. Quebra de linha e abertura de parágrafo

O DFC vem alcançando resultados muito positivos nas escolas onde tem sido aplicado tanto no desenvolvimento das crianças, quanto em seus processos de aprendizagem (DESIGN FOR CHANGE, s.d.), o DFC abre um debate de que o design pode ser uma opção de abordagem metodológica para se trabalhar em ambientes educacionais.

2.3 A metodologia Design for Change (DFC)

O DFC é um movimento global direcionado para crianças de 7 a 14 anos, que são estimuladas a compartilhar suas inquietações e procurar soluções para resolvê-las. A metodologia, inspirada no DT, foi desenvolvida para conectar o processo de aprendizagem das crianças com suas realidades locais. O DFC tem quatro ações como pilares: sentir, imaginar, fazer e compartilhar. Sentir o que incomoda, imaginar uma solução, agir para implementar esta solução e depois compartilhar os seus aprendizados (DESIGN FOR CHANGE, s.d.).

A metodologia tem sido aplicada pelos professores em salas de aula e as crianças não apenas participam de um projeto, mas também são os agentes que pensam, executam e avaliam este projeto, atuando como designers. Além disso, são as crianças que decidem quais projetos querem desenvolver, os quais geralmente estão relacionados com suas demandas e curiosidades. O DFC vem se estabelecendo nas escolas como uma metodologia de transformação social na vida dos alunos que a praticam e do contexto escolar e comunitário onde as crianças estão inseridas. Por estimular habilidades como protagonismo, empatia, criatividade e trabalho em equipe, os projetos desenvolvidos com o uso da metodologia têm apresentado impactos positivos no desenvolvimento holístico das crianças. Esses impactos foram estudados e analisados nos últimos anos por meio de pesquisas científicas realizadas por algumas instituições como: Harvard Graduate School of Education, Stanford em parceria com a INSEAD, assim como estudos na Colômbia e França¹ (DESIGN FOR CHANGE, s.d.).

¹ Essas pesquisas podem ser encontradas no site Design for Change:
<https://www.dfeworld.org/SITE/Research>

O DFC defende que não é preciso tornar-se um adulto para atuar em prol de um mundo melhor e, por isso, enxerga as crianças como cidadãos criativos, empáticos, responsáveis e com poder de ação. Ademais, a metodologia assume que a educação tem esse papel fundamental de estimular essas características nas crianças, além de capacitá-las para que saibam que elas são aptas e capazes de realizar transformações (DESIGN FOR CHANGE, s.d.). Assim, enxergando nas escolas mais do que espaços educativos, mas também como espaços capazes de estimular e promover uma cultura de transformação social, o DFC se constituiu com base em três perguntas (DESIGN FOR CHANGE, s.d.):

- E se – ‘TODO HOJE’ (Every today) – a educação acreditasse que sua missão era capacitar todas as crianças a dizer 'EU POSSO' – que as crianças não são impotentes, a mudança é possível e elas podem conduzi-la.
- E se - um grupo de adultos, professores e líderes liderassem essa nova crença sobre as crianças e seu potencial - para que ‘TODO HOJE’ o mundo despertasse para o potencial de seus filhos.
- E se – houvesse uma estrutura simples que tornasse isso possível – TODO DIA!

Foi para responder essas perguntas que surgiu a ferramenta FIDS (Feel, Imagine, Do and Share), que é a base da metodologia e são as etapas do projeto (Figura 1). São elas:

- Feel (Sentir) – desenvolver a empatia
- Imagine (Imaginar) – estimulando a ética
- Do (Fazer) – fomentar o poder da ação e colaboração
- Share (Compartilhar) – inspirar outras ações, mostrar que é possível, compartilhar esperança.

Figura 1 – Cartas desenvolvidas para guiar a aplicação da ferramenta FIDS



Fonte: Design for change, s.d.

A metodologia do DFC está disponível em sua plataforma de forma gratuita e já foi traduzida para diversos idiomas². Na plataforma é possível ter acesso a um conjunto de ferramentas para que os professores possam utilizar como material de apoio com seus alunos. Dentre os materiais de apoio, os educadores encontram um guia para professores e outro para os alunos, kit de ferramentas, planos de aulas e vídeos inspiracionais com projetos já executados quebra de linha

O livre acesso a este material permitiu que a metodologia fosse disseminada para diferentes escolas do mundo. Ao difundir sua metodologia globalmente, o DFC estimula uma maneira progressiva de pensar a escola e uma nova forma de educação, visto que o projeto estimula as crianças a acreditarem no seu potencial de criação e ação, incitando desde cedo uma cultura de design no processo educativo.

Pela perspectiva de Manzini (2008), podemos perceber o conjunto de materiais disponibilizados pelo DFC, como um toolkit. De acordo com autor, toolkit é um formato mais livre, composto por uma série de instrumentos - tangíveis e intangíveis - concebido e produzido para “simplificar tarefas específicas, no qual o produtor não assume nenhuma responsabilidade sobre os resultados finais de uso” (FREIRE, DEL GAUDIO E FRANZATO 2016, p. 240). Quebra de linha

Assim, podemos enxergar o DFC enquanto uma plataforma habilitante, pois oferece um conjunto de soluções que “criam as condições favoráveis para que pessoas criativas expressem suas ideias, encontrem parceiros e comecem projetos e/ou soluções” (MANZINI, 2008, p. 81). Neste contexto, é importante ressaltar que o DFC foi adaptado para diversos países, contemplando nuances de cultura e linguagem. Deste modo, a identificação e a geração de valor no processo de

² O material pode ser encontrado no site: <https://www.dfeworld.org>

aprendizagem estão ainda mais alinhadas com a necessidade de cada país. No Brasil, o projeto do DFC ocorre desde 2015, representado pela iniciativa Criativos da Escola, e já acontece em mais de 400 escolas no país (CRIATIVOS DA ESCOLA, s.d.).

O Criativos da Escola promove anualmente um concurso onde as escolas são estimuladas a participar inscrevendo os projetos de seus alunos, apoiados por seus educadores. O desafio é aberto a todas as escolas de ensino fundamental e médio, públicas ou privadas, que tenham ideias e projetos com soluções criativas para transformar sua comunidade. Assim, o concurso celebra e premia os projetos protagonizados pelas crianças e jovens de todo o país que estão transformando não só as crianças, mas também as escolas e suas comunidades. Um caso de estímulo, desde cedo, de agentes de transformação estimulados pelo design em um processo educativo inovador e que faz sentido para as crianças.

Neste artigo, apresentamos o projeto Chama Violeta para ilustrar como a metodologia do DFC foi utilizada para trabalhar a educação sexual em uma escola pública de Porto Alegre. O Chama Violeta foi um dos projetos vencedores do desafio Criativos da Escola em 2020. O projeto acontece na Escola Municipal de Ensino Fundamental Saint-Hillaire, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e é uma iniciativa de educação sexual que visa proteger e empoderar mulheres, adolescentes e crianças do bairro Lomba do Pinheiro, comunidade onde está inserida a escola.

3 METODOLOGIA

Este é um estudo de caráter exploratório, do tipo estudo de caso, no qual esperamos compreender as contribuições da metodologia do DFC enquanto abordagem necessária para uma educação inovadora. Alinhada com os princípios da UNESCO, compreendemos que uma educação orientada ao século XXI precisa estimular o desenvolvimento de competências relacionadas ao diálogo, transdisciplinaridade, conexão com o contexto social, promoção da autonomia e pensamento crítico. Portanto, o recorte dessa pesquisa se dá pela análise de um projeto de educação sexual que utilizou a metodologia do DFC como base para a sua concepção – o caso Chama Violeta – um projeto que visa proteger e empoderar mulheres, crianças e adolescentes que residem na comunidade da Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

O Chama Violeta foi uma iniciativa reconhecida e premiada na edição do Desafio Criativos da Escola de 2020. O projeto aplicou a metodologia do DFC, no âmbito do Grupo de Mediadores de Leitura Luísa Marques, um coletivo que pertence à Escola Municipal de Ensino Fundamental Saint-Hillaire, e todo o processo foi realizado sob a condução da professora Maria Gabriela Souza. Assim, a fim de analisar a implementação do DFC em um contexto escolar e os impactos no processo educativo das crianças, realizamos uma coleta de dados secundários sobre a implementação do projeto e fizemos uma entrevista com a educadora Maria Gabriela Souza.

Nessa pesquisa buscamos compreender as oportunidades que o DFC oferece às crianças para que elas desenvolvam habilidades relacionadas às competências desejáveis para uma educação orientada ao século XXI. Partindo dessa perspectiva, procuramos analisar a aplicação da metodologia do DFC na elaboração do Chama Violeta a partir dos pilares elencados pela UNESCO: Aprender a Conhecer, Aprender a Fazer, Aprender a Conviver e Aprender a Ser.

4 ANÁLISE DO PROJETO CHAMA VIOLETA

Assim como todos os projetos que participam do Desafio Criativos da Escola, o Chama Violeta teve toda sua concepção baseada na metodologia de design do DFC. O projeto surgiu a partir da preocupação das meninas da escola em conversar sobre abuso sexual e consequentemente, educação sexual. A violência e abuso sexual são uma realidade na Lomba do Pinheiro, e assustam muitas das meninas e mulheres que vivem naquela comunidade.

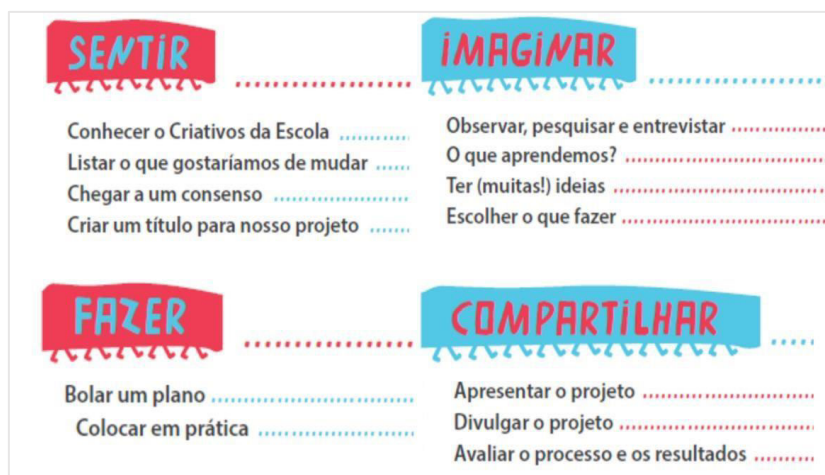
O tema da violência sexual surgiu na escola a partir de um problema real que ameaçava a segurança das meninas, no seu trajeto diário, de deslocamento até a escola. A comunidade percebeu a presença de um agressor que “circulava com um veículo preto, e sequestrava meninas no caminho da escola”. Por conta deste medo e da preocupação de sofrer alguma violência, uma aluna de 16 anos, levou o tema para o espaço do Grupo de Mediadores de Leitura Luísa Marques (GMLLM)³ para

³ O Grupo de Mediadores de Leitura Luísa Marques é uma iniciativa da escola Saint Hillaire, onde os alunos promovem, juntamente com os professores, rodas de leitura que são abertas a todos. Este coletivo é um espaço de acolhimento e debate sobre diversos temas. O nome do Grupo é uma homenagem à memória de uma colega que faleceu e deixou no coração de cada leitor(a) a vontade de mudança e a missão de transformar a vida das pessoas a partir da leitura.

debater sobre o tema e buscar soluções para se protegerem e protegerem as outras crianças e mulheres da comunidade. A partir dali nascia o projeto Chama Violeta (Criativos da Escola, s.d.).

O projeto foi incentivado pela professora Maria Gabriela Souza, que trabalha na biblioteca da escola, e que levou a metodologia do DFC para que os alunos pensassem em soluções capazes de proteger as meninas da ameaça de violência sexual, e abordar o tema sobre educação sexual na escola e na comunidade, assunto que na época era pouco abordado. Assim, seguindo os balizadores elencados no toolkit brasileiro do DFC (Figura 2), que foi traduzido e adaptado pelo Criativos da Escola, o projeto Chama Violeta se desenvolveu na biblioteca da escola durante o contraturno escolar, sendo constantemente permeado pela leitura literária. Os livros estão presentes em diversas fases do projeto e o grupo dos mediadores de leitura se apoia nas leituras para pesquisar e aprender sobre o assunto, e nas contações de história compartilhar as aprendizagens. No guia do DFC, que faz parte do toolkit brasileiro, são apresentadas todas as fases do projeto e como implementá-las.

Figura 2 – Toolkit brasileiro para aplicação do método DFC



Fonte: Criativos da Escola, s.d.

No entanto, ressaltamos que apesar do DFC ter uma metodologia bem definida pelas etapas FIDS, não se trata de um processo estanque, que não aceita adaptações. Desse modo, na tentativa de elencar os caminhos percorridos pelas crianças na concepção do Chama Violeta, procuramos sistematizar cada momento

do projeto, de acordo com a proposta do DFC, e suas quatro etapas. Procuramos também identificar, dentro dessas etapas, os quatro pilares propostos pela UNESCO para uma educação orientada ao século XXI, elencando os pontos de intersecção entre a metodologia do DFC (Sentir, Imaginar, Fazer e Compartilhar) e os 4 pilares da UNESCO (Aprender a ser, Aprender a Conhecer, Aprender a Fazer e Aprender a Conviver), na análise do Chama Violeta. Nesta análise, serão apresentados trechos da entrevista feita com a professora Maria Gabriela para apresentar como foi executada cada fase do projeto na escola.

4.1 Sentir (Aprender a Ser)

O projeto Chama Violeta, seguindo a metodologia do DFC, começou pelo momento “SENTIR”, no qual as meninas do GMLLM apresentaram para a professora uma questão que as afetava: o perigo da violência sexual. A partir daí, as crianças foram convidadas a fazer um “mergulho” no tema para entender a problemática. Foram feitas muitas pesquisas iniciais sobre violência sexual, e durante essas pesquisas as alunas perceberam que a Lomba do Pinheiro era um dos bairros com maiores índices de violência sexual da cidade e chegaram ao consenso de que a mediação da leitura poderia oportunizar que esse assunto chegasse até as crianças, adolescentes e adultos.

“Na fase do sentir eu sempre procuro pensar numa dinâmica para a gente fazer imersão, para a gente mergulhar. Acho que essa é a etapa mais sensível, é a mais emocionante. Eu acho que quando a gente começa a sentir, mergulhamos para dentro da gente, para a gente poder expandir e ampliar o nosso horizonte para o território”. (Educadora entrevistada)

A educadora comenta que o sucesso do DFC no ambiente escolar se dá porque os alunos partem de suas dores e interesses, com um olhar para os problemas que afetam a realidade local, o que fomenta um senso crítico e de colaboração com a comunidade:

“Sempre trabalhei muito com os projetos de aprendizagem. Tanto que as alunas e que os alunos sejam protagonistas[...] A metodologia funciona para isso, para potencializar esse protagonismo. Então eu tenho tido só felicidade quando eu aplico a metodologia do Design for Change.” (Educadora entrevistada)

Além disso, a educadora ainda pondera que este protagonismo acaba desenvolvendo novas visões de mundo, o que contribui para as crianças “aprenderem a ser”, e os tornam capazes de formar posicionamentos e incitar discussões que geram grandes impactos em suas vidas:

“Elas chegam e me dizem que elas querem fazer um projeto com três assuntos (relacionamentos tóxicos, menstruação e gravidez na adolescência) porque elas querem conversar com os meninos. Elas têm olhar crítico diferente [...] Então acho que a metodologia do Design For Change é uma porta de entrada para a gente potencializar esse protagonismo das alunas e alunos.” (Educadora entrevistada)

4.2 Imaginar (Aprender a Conhecer)

Após essa exploração inicial da temática e coleta de dados, o projeto avançou para o momento do “IMAGINAR” onde o grupo se projetou para um “Lugar dos Sonhos”, ou seja, como gostariam que fosse a realidade. Na fase do imaginar, as crianças aprenderam sobre o tema, e como aporte teórico, o grupo utilizou a dissertação “Violência Sexual em mulheres na cidade de Porto Alegre/RS, escrita por Ana Cláudia Soares de Lima, que contribuiu muito para fundamentar o projeto, bem como outras referências como o livro “violência intrafamiliar” (CRIATIVOS DA ESCOLA, s.d.). Por terem essa abertura à discussão de assuntos que são relevantes para eles, os alunos se sentem engajados e se mobilizam na busca de conhecimento.

Eles constroem bases teóricas e um repertório rico de informações, e são impulsionados a aprender e buscar conhecimentos de modos que transcendem as exigências de qualquer currículo ou disciplina:

“No início, elas tinham uma insegurança com essa parte teórica, como dominar essas questões para poder defender o projeto [...] e eu vejo essa maturidade, de 2020 para cá. Quando eu disse “tá, mas a gente vai ter que estudar um pouquinho”, elas já disseram “não tem problema, professora, já vamos buscar”. Elas ganharam uns livros, e me contaram “a gente até separou uns aqui que a gente achou” e eram livros para leitura de acadêmicos.” (Educadora entrevistada)

Além destas leituras, também foram realizados estudos a partir de reportagens recentes e históricas que ajudaram a promover a reflexão não só dos alunos, mas também do corpo docente sobre a importância de trabalhar o enfrentamento ao abuso sexual dentro, e no entorno da escola (CRIATIVOS DA ESCOLA, s.d.). Ao final dessa etapa, as crianças puderam compreender que no espaço da escola, muitas vezes, o tema de violência contra as mulheres e abuso

sexual não era discutido, e sim, algo silenciado. Deste modo, o projeto nasce com a proposta de realizar mediação literária para que a educação sexual fosse debatida na escola.

4.3 Fazer (Aprender a Fazer)

No momento do “FAZER”, as crianças começaram a colocar em prática os conhecimentos adquiridos. No caso do Chama Violeta, as crianças aprenderam a fazer pesquisas para fundamentar suas hipóteses e orientar os próximos passos que deveriam seguir. Na pesquisa, as crianças puderam compreender que as pessoas da comunidade não sabiam que o abuso sexual acontecia, majoritariamente, em ambiente familiar; e que ainda, o pai, muitas vezes, poderia ser o agressor. De posse das informações coletadas, as meninas criaram algumas hipóteses, foram até as pessoas da comunidade realizar conversas para validação dessas hipóteses, e a partir disso, puderam delinear algumas possibilidades de atuação prática.

“A comunidade não tem essa noção de que o abuso sexual acontece dentro de casa, que o pai pode ser um potencial agressor[...] porque é um assunto que não é falado. O assunto é silenciado. Então elas [as alunas] fizeram uma entrevista. Elas buscam fazer pesquisa para investigar se essas hipóteses delas estão corretas. Então outro elemento que a gente adiciona ali no fazer, é essa parte de pensar no projeto de pesquisa... Eu gosto muito de ir nessa direção, porque aí elas também começam a investigar. Elas começam a usar os elementos do método científico e acho legal isso... que os alunos incorporem esse acúmulo na de conhecimento que depois eles podem usar.” (Educadora entrevistada)

Contudo, além de trazer informação, fosse por meio de leituras literárias, materiais informativos ou algum outro meio de comunicação na comunidade, o grupo tinha muito claro que era preciso uma iniciativa que fosse simples e eficaz, ademais, que pudesse ser usada por todas as idades. Surgiu, assim, a ideia do apito, um objeto barato e acessível e que as crianças e jovens poderiam usar caso se sentissem ameaçadas. No fechamento desta etapa, portanto, o Chama Violeta já contava com kits contendo material informativo personalizado, alertando as famílias sobre a importância do tema, e com o apito, incentivando que meninas pudessem se unir e usá-lo como forma de proteção.

4.4 Compartilhar (Aprender a Conviver)

No último momento do processo, o de “COMPARTILHAR”, o grupo já contava com uma bagagem sobre o tema da violência sexual, e um olhar atento para a

realidade local. Assim, projetaram ações de distribuição do apito e material sobre educação sexual, feito para atingir diferentes idades (Figura 3).

Figura 3 – Distribuição do material sobre educação sexual do Chama Violeta



Fonte: Site Criativos da Escola, s.d.

Para além da divulgação de material impresso, o grupo entendeu que poderia atingir ainda mais pessoas caso elaborassem conteúdo que pudessem veicular em formato online. Um desses materiais foram os vídeos disponibilizados no YouTube⁴ (feitos por uma aluna, em Bitmoji) onde os personagens eram eles mesmos explicando sobre educação sexual e como se proteger de casos de abusos. Nestes vídeos, o grupo procurou explicar de forma lúdica para as crianças

⁴ Os vídeos podem ser acessados no canal Grupo de Mediadores de Leitura Luísa Marques. Um dos vídeos - <https://www.youtube.com/watch?v=2xaSKrPuqzM>

o que era abuso, como ele acontecia, qual era o perfil do agressor e da vítima (CRIATIVOS DA ESCOLA, s.d.).

Com intuito de informar inclusive as crianças pequenas, o grupo elaborou um vídeo contendo um semáforo que sinaliza com as cores das partes do corpo onde pode acontecer o toque e onde não pode⁵ (CRIATIVOS DA ESCOLA, s.d.). Para além destes materiais, o grupo também passou a fazer uma curadoria de livros que tocassem no tema da educação sexual em seus encontros de mediação de leituras. O grupo pôde perceber – e validar sua hipótese – de que quando um tema sensível era tratado por meio de leituras e contação de histórias, ele era “aceito” pelas famílias, e sob este formato, poderia ser discutido mais frequentemente na escola e levado das escolas para dentro de casa.

“O compartilhar tá ligado ao fazer. Porque elas usam a contação de histórias... As gurias sempre usam contação de histórias, e os meninos também, para divulgar e compartilhar o projeto. Tá meio que ligado com o fazer porque é uma prática para que as pessoas tenham conhecimento das questões que elas trazem e também para compartilhar as ideias do projeto por meio da contação de histórias. No ano passado elas foram em muitos lugares compartilhar o projeto. Agora, semana passada, elas fizeram uma apresentação que emocionou as mulheres da igreja, e muitas mulheres começaram a escrever os desafios de ser mulher. E aí, neste momento, elas lendo... com o relato das alunas da igreja, surgiu essa ideia de coisas que a gente gostaria que os meninos soubessem da menstruação”.
(Educadora entrevistada)

Como observado, o projeto Chama Violeta, elaborado nos moldes do DFC, fez com que as crianças envolvidas no projeto trabalhassem e desenvolvessem diversas habilidades. A figura 4 sintetiza a construção do projeto com base na metodologia de design e nas competências orientadas pela UNESCO. Este projeto ilustra que o DFC tem grande potencial para educar de forma inovadora e criativa.

Figura 4 – Construção do Projeto Chama Violeta com base no DFC e nas competências do século XXI

⁵ Chama Violeta – O que são as partes íntimas? <https://www.youtube.com/watch?v=KPIhKnkwG5E>



Fonte: Foto do site Criativos da Escola e quadro elaborado pelas autoras (2022)

Assim como inúmeros outros temas sensíveis, a educação sexual, não é uma temática presente na maioria das escolas brasileiras, ainda mais de forma acessível, lúdica e simples. Contudo, entendemos que a educação do século XXI demanda habilidades que vão além de conteúdos tradicionais presentes no espaço escolar, ela reivindica habilidades como: criatividade, autonomia, empatia, senso de colaboração. Sendo que todas essas habilidades são desenvolvidas quando se utiliza o design como metodologia de educação. O DFC é uma metodologia pensada e aplicada no contexto educacional, e vem sendo utilizada para trabalhar os mais diferentes temas, todos, protagonizados e elaborados pelas crianças a partir suas necessidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desse artigo foi compreender, a partir do caso Chama Violeta, de que modo o design pode atuar enquanto abordagem capaz de estimular e desenvolver competências ligadas a uma educação mais inovadora e mais alinhada aos pilares elencados pela UNESCO para o século XXI. O DFC vem comprovando que é possível pensar novas propostas em sala de aula, e que os resultados são

benéficos tanto para as crianças quanto para o ambiente escolar e a comunidade em que estão inseridas.

O caso do Chama Violeta, destacado neste estudo, evidenciou o desenvolvimento e amadurecimento das crianças envolvidas no projeto ao percorrerem as etapas do Sentir, Imaginar, Fazer e Compartilhar. Este processo de construção permitiu que as crianças desenvolvessem um olhar crítico para os problemas da comunidade em que vivem (violência sexual). No movimento do Sentir e “Aprender a Ser” os alunos puderam ouvir as pessoas em seus contextos, realidades e experimentar a responsabilidade do ser em comunidade. Avançado para o momento do Imaginar, onde as crianças “Aprendem a Conhecer”, os alunos experimentaram novas formas de buscar e aplicar o conhecimento. Eles puderam imaginar (e sonhar) com novas realidades, e assim, construíram saberes coletivos a partir de inúmeras referências.

A oportunidade do Fazer, onde as crianças “Aprendem a Fazer” foi o momento de transcender as barreiras da sala de aula, dos livros, cadernos, e colocar em prática o projeto. Neste momento, as crianças desenvolveram habilidades ligadas a autonomia, empatia e muita criatividade. Por fim, o momento de Compartilhar e “Aprender a Conviver” foi um convite para que os alunos desenvolvessem o senso de comunidade e de colaboração. Nesta fase as crianças interagiram, dividiram e difundiram todo o conhecimento adquirido ao longo do processo, espalhando sementes de mudanças na comunidade e criando pontes, para projetos futuros.

Ao analisarmos todo o caminho percorrido pelas crianças durante o projeto do Chama Violeta, entendemos que a aplicação da metodologia DFC nas escolas é um caminho promissor para uma educação inovadora, orientada ao século XXI. Isso porque, a metodologia DFC desenvolve nas crianças habilidades essenciais para a formação de um cidadão criativo, autônomo, colaborativo e com senso crítico. Além disso, os alunos se engajam - por se sentirem pertencentes ao contexto - e trabalham de forma transdisciplinar, em contato com uma metodologia inovadora – sendo protagonistas de seu processo de aprendizagem.

Por fim, entendemos que uma educação orientada ao século XXI precisa ser construída em espaços de ensino e aprendizagem permeados por inventividade, criatividade e senso crítico. Tais características de inventividade, criatividade e

senso crítico, são o fio condutor dos processos de design e por isso, este estudo nos permite afirmar que aproximar o processo de design do ambiente de sala de aula é um caminho potente para alcançarmos os objetivos de uma educação inovadora e formadora das competências elencadas pela UNESCO.

REFERÊNCIAS

BROWN, Tim. Design Thinking. **Harvard Business Review**. June 2008. Disponível em: <https://readings.design/PDF/Tim%20Brown,%20Design%20Thinking.pdf> . Acesso: 20 fev 2022.

CRIATIVOS DA ESCOLA. Disponível em: <https://criativosdaescola.com.br/> . Acesso: 20 fev 2022.

DPE - RS – Defensoria Pública do Estado do Rio Grande do Sul. **Relatório Anual** (2021) Acesso em: 30.03.2022 – Disponível em: <https://www.defensoria.rs.def.br/relatorio-anual>

DESIGN FOR CHANGE. Disponível em: <https://www.dfcworld.org> . Acesso: 20 fev 2022.

FREIRE, Karine Mello; DEL GAUDIO, Chiara; FRANZATO, Carlo. Estratégias de inovação social dirigida pelo design praticadas nos ecossistemas criativos. Systems & Design SD2016. **Revista Online de La Red Internacional de Investigación en Diseño**, vol. 2, no. 2, 2016.

MANZINI, Ezio. **Design para inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais**. Rio de Janeiro, 2008.

MARTINS FILHO, Vilson; GERGES, Nina; FIALHO, Francisco. Design thinking, cognição e educação no século XXI. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 15, n. 45, p. 579-596, maio/ago. 2015. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/5029/14774> . Acesso em: 20 fev 2022.

RODRIGUES, Zuleide Blanco. Educação: Um estudo com base no relatório da UNESCO sobre os quatro pilares do conhecimento. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 06, Ed. 01, Vol. 04, pp. 53-60. janeiro de 2021. ISSN: 2448-0959, Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/quatro-pilares>,

SOUZA, Francivane Pinho De et al. **Design thinking na educação: uma proposta para enriquecer a metodologia de ensino**. Anais V CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/46939>>. Acesso em: 03/04/2022 16:30

UNESCO. Educação: Um tesouro a descobrir. **Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI**. 2010.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos Especialistas - TCLE)

(Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

Convido a senhora **Maria Gabriela Souza** a participar da pesquisa para o artigo “Abordagens de design para uma educação orientada ao século XXI: um estudo do projeto Chama Violeta”, sob responsabilidade das pesquisadoras Carolina Tomaz Barbosa, Jaqueline Freitas Comparin, e Dra. Karine de Mello Freire, tendo por objetivo apresentar o caso do Chama Violeta como estudo de caso de um projeto desenvolvido utilizando a metodologia de Design, Design For Change. Essa pesquisa será apresentada no 14º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design.

A pesquisa solicita uma entrevista com a senhora, com duração de aproximadamente 1 hora que será realizada, e gravada, por meio da plataforma de teleconferência, Microsoft Teams. O objetivo da entrevista é coletar dados primários sobre a execução do projeto Chama Violeta realizado na EMEF Saint Hillaire, em Porto Alegre / RS.

Você pode solicitar esclarecimentos, a qualquer momento, através dos telefones (34) 98413.9692 com uma das pesquisadoras, Carolina Tomaz. Se tiver interesse em conhecer mais sobre esta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato. Desde já, agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Certificado de Consentimento

Eu, Maria Gabriela Souza

após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, concordo em participar da entrevista solicitada. Desta forma, assino este termo, já assinado pelas pesquisadoras.

Porto Alegre, 15 de setembro de 2022.

Maria Gabriela Souza

Assinatura do especialista participante
Maria Gabriela Souza

Carolina Tomaz Barbosa

Carolina Tomaz Barbosa
(pesquisadora, mestranda em Design da UNISINOS)

Jaqueline Freitas Comparin

Jaqueline Freitas Comparin
(pesquisadora, mestranda em Design da UNISINOS)

Karine de Mello Freire

Prof. Dra. Karine de Mello Freire
(pesquisadora e professora do PPG Design da UNISINOS)